

Preto, Lino. Análise de textos orais.
S.P.: Humanitas, 2010.

Hudinilson Urbano, da área de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo, ao tratar dos marcadores conversacionais, um dos temas mais discutidos da Análise da Conversação, propõe-se a analisar estes sinais, sob o aspecto formal, semântico, sintático e também quanto às suas funções comunicativo-interacionais.

Introdução p. 9.

Aula 27 / 8

4. MARCADORES CONVERSACIONAIS

Hudinilson Urbano

1. Introdução

O presente estudo objetiva verificar no texto abaixo componentes conhecidos na literatura da Análise Conversacional sob a denominação de Marcadores Conversacionais (MC). Trata-se de elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão.

2. O texto sob análise

Trata-se de parte do inquérito nº 360 que compreende um diálogo em que interagem uma Documentadora (*Doc.*) e duas informantes, a Locutora 1 (L1) com 37 anos, casada, pedagoga, e a Locutora 2 (L2) com 36 anos, casada, advogada. No trecho sob análise, elas desenvolvem os seguintes tópicos¹ ou assuntos:

a) “atividades profissionais do marido de L1” (da linha 1160: com a pergunta da *Doc.*: “o seu marido sempre exerceu essa profissão que

¹ Ver estudo sobre “O tópico discursivo”, cap. 2.

ele tem agora?”, que introduz o segmento tópico, até a linha 1191, que o encerra.);

b) “avaliação de L1 em relação ao seu afastamento profissional” (da linha 1192 com a pergunta de L2: “e você se sentiu frustrada... por ter...ah:: sido obrigada a parar de trabalhar?” até a linha 1215: “que foi melhor”) e

c) “os projetos para o futuro de L1” (da linha 1215: “embora futuramente eu pretenda trabalhar” até a linha 1247):

- 1160 Doc. o seu marido sempre exerceu essa profissão que ele tem agora?
- L1 não ele teve escritório no início da carreira... teve escritório durante... oito anos mais ou menos... depois... ainda com escritório... e como ele tinha liberdade de advogar ele também ... exercia a: a profi/ o a advôcacia do Estado né?... e::...depois...é que ele começou a lecionar quando houve...a necessidade do regime de dedicação exclusiva...pela posição de DENtro da carreira...ele precisava optar pela:
- 1170 L2 dedicação
[
L1 dedicação exclusiva
L2 ahn ahn
[
L1 sabe?... então:... ele:... começou a lecionar foi convidado e::
- 1175 L2 ele leciona onde?
L1 e:: ele leciona nas FMU
L2 ahn ahn
L1 ele:...é especialista em Direito Administrativo...
L2 ahn ahn
- 1180 L1 certo?
[
L2 (
L1 e::e deu-se muito bem no magistério...ele se realiza

- sabe? fica feliz da vida...em poder transmitir...
o que ele sabe...e os processos também...que ele...
1185 recebe ou...e eu não eu sou leiga eu não entendo...mas pelo que a gente...ouve falar são muito bem estudados... tem pareceres muito bem dados... não é? ele se dedica MUltíssimo a...tanto à...carreira de procurador como de professor (tá?)...
1190 L2 ele gosta(dela)
L1 gosta MUlto()
[
L2 e você se sentiu frustrada...por ter...
ah:: sido obrigada a parar de trabalhar? tomar conta
[
L1 não...
1195 L2 só tomar da casa?
[
L1 não...cu::... eu me preparei para ser...mãe de muitos filhossabe?
L2 ahn ahn
L1 e eu achei que NÃO...poderia haver...assim ahn::
1200 L2 opção::nem
[
eu não poderia ah levar bem ah a o meu... a a minha profissão...e::e o meu::...status de dona de casa de mãe de família
L2 ahn ahn...
1205 L1 razoável se eu continuasse trabalhando sabe?
L2 sei
L1 então eu...saí do::... ah ah::pedi demissão do meu serviço mas consciente de que aquilo era o melhor... para aquela família que se iniciava
[
1210 L2 ahn ahn
L1 sabe?... e::
L2 e realmente você conclui agora
[
L1 ()
L2 que foi o melhor
1215 L1 que foi melhor embora futuramente eu pretenda trabalhar eu quero continuar os estudos...e::e trabalhar fora mas por enquanto ainda não as crianças dependem muito de mim...

- 1220 L2 uhn uh
L1 sabe? então eu::...quero ficar mais ou menos uns dois anos ou três
L2 (uhn)
[
L1 a gente nunca pode precisar o tempo... de ah ahn:: () com as crianças...necessitando da gente não pode precisar mesmo...com certeza então eu tenho impressão de que quando o menor...já:: estiver assim... pela quarta série/terceira quarta série...ele já estará mais... independente e::...e os maiores poderão fazer as vezes de::... assim de:: preceptores dos menores e me aliviarão...nessa parte...e eu terei tempo disponível não que eu deseje:: liberda::de deseje eh eh estar assim sem obrigações para com as crianças...mas é que daí eu terei tempo disponível para fazer coisas extras
[
L2 (para)
1235 L1 não, é?
Doc. o que a senhora gostaria de fazer?
L2 (o que a senhora)
L1 eu...gostaria de fazer orientação educacional...sabe? eu gosto eu leio...sobre isso e eu acho que me realizaria mais...como orientadora do que como professora quer dizer a professora ela...no fundo ela é uma orientadora...porque:: quase sempre ela É procurada pelo alunos...quando surgem os problemas não é? entã...mas eu acho que um::trabalho assim...
1245 DE gabinete...eu gostaria mais sabe?...então... futuramente eu pretendo... reiniciar os estudos...mas por enquanto não

(p. 164-7)²

² Acrescentamos à transcrição original os seguintes sinais:
a) números entre parênteses para indicar, em segundos, a duração de pausas longas, i.é, igual ou superior a 1,5 seg;
b) /, além das já existentes, para indicar corte de entonação;
c) //, para indicar separação fonética entre palavras, i.é, para indicar que as palavras são pronunciadas com autonomia fonética.

Como facilmente se pode observar, a quantidade de elementos de caráter cognitivo-informativo que são veiculados, permeando o texto conversacional, é muito menor do que o texto parece à primeira vista revelar. É que esses poucos elementos se alternam com muitos outros, lingüísticos ou não, que ficam à margem do assunto realmente conversado.

Nessa perspectiva, podemos expurgar do texto esses elementos marginais, deixando-o reduzido apenas ao seu volume cognitivo-informativo básico. A título de ilustração, reduzimos o primeiro segmento (linhas 1160 a 1191) aos seguintes termos:

[...] ele (o marido) teve escritório no início da carreira, durante oito anos mais ou menos; depois, como tinha liberdade de advogar, também exercia a advocacia do Estado.

Quando houve a necessidade do regime de dedicação exclusiva, pela posição dele dentro da carreira, ele precisava optar por esse regime. Então ele começou a lecionar. Foi convidado e leciona nas FMU. É especialista em Direito Administrativo e deuse muito bem no magistério. Ele se realiza em poder transmitir o que sabe. Os processos que recebe são muito bem estudados, tem pareceres muito bem dados. Ele se dedica muitíssimo tanto à carreira de procurador como à de professor.

Da confrontação desta versão com o original verifica-se, nele, a ocorrência de redundâncias e repetições, bem como outros elementos verbais de pouco ou nenhum valor semântico. Além dessas ocorrências, verificam-se outras não verbais, como olhar, risos, etc., que não foram consideradas na transcrição do *corpus* e ainda elementos suprasegmentais, como a pausa e a entonação que a audição da fita permite, entretanto, recuperar. Entre os elementos verbais, podem ser mencionados: **a::a profi** / (linha 1165), **o, né ?, é que** (linha 1166), **ahn ahn** (linha 1172), **sabe**, (linha 1173), **ahn ahn** (linha 1183) **não é ?** (linha 1187), **a /** (linha 1188). Entre os suprasegmentais, destacam-se as pausas longas (além de 1,5 seg), os alongamentos e os vários tipos de entonação.

Se prosseguirmos no levantamento desses elementos no restante do texto original encontraremos, além da repetição de muitos desses elementos já mencionados, outros, repetidos ou não, como: **e você** (linha 1192), **ah::** (linha 1193), **eu::...** (linha 1196), **assim ahn::...** (linha 1199), **ah a o meu...a** (linha 1201), **meu::...** (linha 1202), **então eu...** (linha 1207), **saí do::/...** (2 seg) **ah ah** (linha 1207), **uhn uhn** (linha 1219), **embora** (linha 1215), **dois anos ou três** (linha 1221), **de/ah ahn::** (linha 1223), **então** (linha 1225), **eu tenho impressão de que** (linha 1225), **já:::** (linha 1226), **assim...** (linha 1226), **quarta série/terceira quarta série** (linha 1227), **mais...** (2 seg). **de::...** (2 seg) (linha 1229), **eh eh** (linha 1231), **para//fazer// coisas//extras, eu/** (linha 1238), **eu acho que** (linha 1239), **quer dizer** (linha 1241), **no fundo** (linha 1241), **então** (linha 1241), **então...** (linha 1244), **mas eu acho que** (linha 1244).

3. Conceituação

Esses elementos, típicos da fala, são de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomaticidade e significação discursivo-interacional. Mas não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto.³ São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só como estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal. Por marcarem sempre alguma função interacional na conversação, são denominados **marcadores conversacionais** (MARCUSCHI, 1989: 282).

³ Sobre “convencionalidade” e “idiomaticidade”, pode-se consultar Stella Ortweiler Tagnin.

As gramáticas tradicionais, normalmente voltadas para a língua escrita, não têm contemplado esses elementos ou os têm estudado enviesadamente. Por não se enquadrarem nos critérios de classificação das dez classes de palavras ou por não desempenharem funções exclusivamente lógicas, alguns desses elementos, quando lexicalizados, receberam na NGB a classificação pouco esclarecedora de “palavras denotativas”.

Décadas antes das reflexões específicas da Linguística sobre o caráter e propriedades da língua oral, Said Ali, em 1930, já revelava uma sensibilidade e uma visão pioneira sobre alguns tipos desses elementos estudados sob a denominação de “expressões de situação”. Em resumo, afirma que:

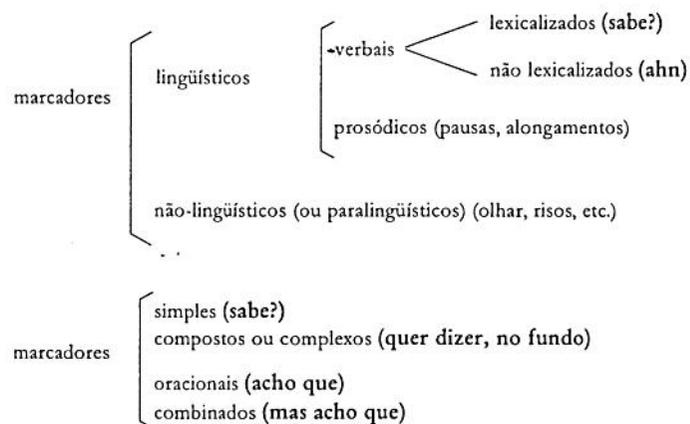
- se trata de palavras, expressões ou frases, típicas da língua falada, e em particular da conversação espontânea;
- parecem, mas não são, descartáveis, discursivamente falando;
- são alheias, talvez, à parte informativa;
- entretanto funcionam como expressões das intenções conversacionais do falante;
- são determinadas pela situação face a face dos interlocutores.

3.1. O aspecto formal

Uma rápida verificação no rol dos marcadores revela marcadores de diversos tipos quanto ao aspecto formal ou estrutural. Assim, pode-se separá-los, inicialmente, em marcadores lingüísticos e não lingüísticos. Os primeiros são de duas naturezas: há os verbais e os prosódicos. Os verbais podem ser lexicalizados, como **sabe?**, **eu acho que** ou não lexicalizados, como **ahn ahn**, **eh eh**. Os de natureza prosódica são a pausa, a entonação, o alongamento, a mudança de ritmo e de altura, por exemplo. Os não lingüísticos são o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação. São também de grande importância e recorrência, sobretudo para sinalizar as relações interpessoais, mas que, por não terem sido considerados na transcrição original, não poderão ser analisados aqui. Podemos chamá-los marcadores paralingüísticos.

Ainda quanto à forma, observa-se que os marcadores verbais se apresentam ora como elementos simples (**sabe?**), ora como compostos ou complexos (**quer dizer, no fundo**) e, ainda, ora como oracionais (**eu tenho a impressão de que**), podendo aparecer combinados (**mas acho que**).

Para maior clareza, apresentamos abaixo esquemas do aspecto formal dos marcadores:



3.2. O aspecto semântico

Se observarmos a documentação extraída da transcrição, notaremos que a maioria desses elementos são vazios ou esvaziados de conteúdo semântico. Em primeiro lugar, obviamente, estão os elementos prosódicos; em segundo, os elementos verbais não lexicalizados, como **eh, ah, ah ah, ahn ahn**. Em terceiro, os elementos lexicalizados, como **sabe?** e **certo?**. No dizer de Castilho (1986: 38), “são execuções verbais esvaziadas, às vezes, de conteúdo semântico e de papel sintático, irrelevantes para o processamento do assunto”. Trata-se de vocábulos que, embora esvaziados do conteúdo semântico original, valem aqui como estratégias para o falante testar o grau de atenção e participação do seu

interlocutor. Por isso, não são elementos, interacionalmente e por extensão, discursivamente descartáveis. Em quarto, há expressões que continuam semanticamente válidas, como **eu acho que, eu tenho impressão de que**, mas a informação que passam não integra nem colabora diretamente para o conteúdo referencial do texto como estrutura tópica. Na realidade, refere-se à postura do falante em relação ao “dito”, ou, mais precisamente, ao que vai dizer. Nessa linha, entendemos, com Koch (referindo-se ao exemplo “**Eu acho que** o réu foi absolvido”), que “o conteúdo proposicional propriamente dito encontra-se, justamente, na segunda parte servindo a primeira parte para modalizá-lo, isto é, para indicar aspectos relacionados à enunciação” (1987: 139).

Creemos que se pode considerar um quinto tipo: são aqueles elementos que mantém, em menor ou maior grau, parcela do seu sentido. Com efeito, eles mantêm parcialmente o sentido e a função sintática originais, assumindo, por acréscimo, uma função pragmática.⁴ É o caso, por exemplo, de palavras como o **assim**, que continuam mais ou menos presas a uma estrutura oracional, numa função de adjunto adverbial, ao mesmo tempo que se ligam à enunciação,⁵ numa função modalizadora, sinalizando hesitação ou dúvida do falante:

L1 eu tenho impressão de que quando o menor...
 já:: estiver assim... pela quarta série/terceira
 /quarta série... ele já estará mais... (2 seg)
 independente. (linha 1225)

No exemplo acima, **assim** liga-se sintaticamente a “pela quarta série” e sinaliza, ao mesmo tempo, a atitude hesitante do falante, marcada também pelo alongamento vocálico no **já::**, pela reelaboração lexical em “quarta série/terceira quarta série” e pela pausa longa depois do “mais”. Visto apenas sob o aspecto pragmático, **assim** “preenche” uma

⁴ Por “pragmático” entenda-se a “relação entre a linguagem e seus usuários”.

⁵ Por “enunciação” entenda-se “produção do enunciado”.

pausa indicativa de incerteza, insegurança ou hesitação, que se converteria num silêncio constrangedor sem esse preenchimento acautelador.

Como preenchimento de pausa, o **assim** pode ser encarado como ruptura informacional, instaurando momentos facilitadores para a organização e planejamento do texto e dando tempo ao falante para se preparar. Ilari e Geraldini classificam o advérbio com essa função, como “advérbio de enunciação”, em oposição ao “advérbio de frase”, que incide sobre o conteúdo oracional (1985: 39).

Na qualidade de advérbios de enunciação, devem ser considerados estratégias conversacionais, pacificamente aceitas pelos parceiros, graças às quais se mantém e flui eficientemente a interação.

No caso em questão, entendemos que o **assim** soma as duas funções e, conseqüentemente, por ser um advérbio de enunciação, é um marcador conversacional.

3.3. O aspectó sintático

Quando se consideram os marcadores verbais da forma como estamos considerando, uma outra questão se impõe: qual é o seu estatuto sintático dentro da estrutura oracional. Para tanto deve-se levar em conta, inicialmente, os marcadores verbais lexicalizados ou não, cujas emissões são completas por si e autônomas entonacionalmente, caracterizando, uns e outros, a partir disso, total independência sintática. São marcadores do tipo **sabe?**, **certo?**, **né?**, **ah**, **eh**, **uhn uhn** (linhas 1173, 1180, 1166, 1223, 1231, 1219).

No caso dos não lexicalizados, além dos **ahn ahn** e **uhn uhn** do “ouvinte” (linhas 1171, 1219), pronunciados em turnos autônomos, há as emissões do “falante”, como **ah**, **ahn**, **eh** etc. (linhas 1223, 1231), que entremeciam a estrutura oracional, sem, porém, integrá-la sintaticamente. Quanto aos lexicalizados, costuma-se dizer que eles são sintaticamente independentes, principalmente quando “iniciais” (MARCUSCHI, 1989: 299) ou quando não constituídos por verbo (CASTILHO, 1989: 254).

Essa falada independência sintática nem sempre é, porém, fácil de ser identificada. Ademais, comporta exceção como no caso abaixo:

L1 eu acho que me realizaria mais como orientadora do que como professora

(linha 1239)

em que há uma relação de complemento entre a oração “encaixada” (“que me realizaria mais como orientadora do que como professora”) e o marcador **eu acho que**, que funciona sintaticamente como oração principal.

Nesse caso, pois, **eu acho que** não é sintaticamente independente, mas o é em relação ao conteúdo da oração seguinte. Ou, no dizer de Moraes (1987: 173):

Observe-se que, em qualquer dessas ocorrências, se poderia suprimir **eu acho que**, sem prejuízo à quantidade de informação. E de resto, também à sintaxe, embora alterando a estrutura da frase, o que dá a **eu acho que** quase o caráter de frase intercalada, não fora a conexão estabelecida pelo **que** final.

Nessas condições, segundo sugestão de Koch (1987: 139), a frase “**eu acho que** me realizaria mais como orientadora do que como professora” (linha 1239-41), poderia possibilitar ainda as seguintes configurações:

- a) me realizaria – **eu acho** – mais como orientadora do que como professora;
- b) me realizaria mais como orientadora – **eu acho** – do que como professora;
- c) me realizaria mais como orientadora do que como professora – **eu acho**.

Como se vê, há casos em que os marcadores gozam de certa liberdade posicional. Todavia, a freqüência com que certos marcadores ocorrem em determinadas posições tem levado os estudiosos a classificarem-nos como iniciais, mediais e finais em relação às unidades lingüísticas com as quais eles estão envolvidos. Assim, marcadores como

Bom e **Bem** costumam iniciar turnos, enquanto outros como **sabe?** e **certo?** costumam encerrá-los. (v. cap. 3)

3.4. Funções comunicativo-interacionais

A reflexão sobre o aspecto sintático dos marcadores leva-nos a considerar que, para a sua perfeita compreensão e caracterização, mais do que a eventual função ou relação sintática, interessa que observemos suas funções comunicativas e/ou interacionais, que têm a ver com as próprias funções ou usos da linguagem.

Já esboçamos algumas funções gerais e mesmo uma ou outra específica anteriormente. Assim, no item 3. **Conceituação** deste capítulo, ficou dito que os marcadores “ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado”; que “funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático”; que “amarram o texto não só como estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação pessoal”.

Marcuschi, no trabalho já citado, cuida de destacar as funções interacionais:

E isto me leva a afirmar que as funções e mesmo as posições sintáticas dos MCs são **derivadas** de outras mais altas, ou seja, as interacionais. (p. 300)

A hipótese central deste trabalho é a de que os MCs têm sua razão de ser em funções aqui genericamente designadas **funções interacionais**. (p. 304)

Para Castilho, os marcadores discursivos (denominação usada para designar os marcadores conversacionais) exercem uma função comum e ampla: a função textual, ou seja, todos eles organizam o texto. Toda-

via, essa função geral comporta, ela mesma, duas funções mais específicas: a função interpessoal e a função ideacional, às quais correspondem dois tipos de marcadores: os marcadores interpessoais e os marcadores ideacionais.

Os **marcadores interpessoais** servem para administrar os turnos conversacionais[...]; enquanto Os **marcadores ideacionais** são acionados pelos falantes para a negociação do tema e seu desenvolvimento.

(CASTILHO, 1989: 273-4)

Essas funções apontadas, segundo variada perspectiva, são funções, podemos dizer ainda, “gerais”, que praticamente todos os marcadores desempenham, ora com destaque para as ideacionais, ora para as interacionais e/ou pragmáticas.

Como ilustração de funções “específicas” já referidas, pode-se reportar às observações feitas a respeito dos marcadores **eu acho que**, **assim**, por exemplo...

4. Funções de alguns marcadores no texto sob análise

Uma análise na transcrição original, ainda que rápida, poderá ajudar a compreender melhor não só essas funções já referidas como também outras.

Antes, porém, cabe lembrar que **marcar** tem aqui um sentido amplo, podendo às vezes equivaler à idéia de “coocorrência” de várias funções simultâneas. Nesse sentido, pode-se dizer que há marcadores gerais, que podem marcar mais de uma função e marcadores específicos, que marcam, num determinado contexto, especificamente um fenômeno ou procedimento determinado.

No primeiro caso, pode-se, por exemplo, apontar, como “marcador de pergunta”, uma entonação ascendente interrogativa, como acontece na pergunta da *Doc*. (“o seu marido sempre exerceu essa profissão

que ele tem agora?” – linha 1160), que possibilita também a introdução de novo tópico discursivo: “atividades profissionais do marido de L1”. Não fosse o conteúdo da frase destinado à interlocutora com entonação interrogativa, o tópico certamente não teria sido desencadeado. O que não quer dizer, todavia, que a simples formulação da pergunta garantisse o desenvolvimento do tópico. Na verdade, por se tratar de pergunta fechada do tipo “sim” ou “não”, L1 poderia restringir sua resposta apenas ao “não” inicial que efetivamente produziu, à linha 1162. Entretanto, L1 reconheceu, dentro do contexto do diálogo, que a *Doc.*, ao fazer a pergunta, não iria se contentar apenas com um “sim” ou um “não”, pois buscava, na verdade, informar-se muito mais sobre as atividades do marido de L1. Aliás, essa captação de informação constituía a própria finalidade do diálogo, em termos do projeto NURC.

As chamadas perguntas “abertas” (cujas respostas não se restringem a “sim” ou “não”) são reconhecidas por meio de marcadores específicos: **onde, como, quem, por que** etc. O texto sob análise registra um marcador desses na linha 1175: “ele leciona **onde**?” Esses marcadores são normalmente “iniciais”, mas no caso sob análise, o marcador **onde** foi deslocado para o final do turno, a fim de que “ele” (isto é, o marido de L1) ficasse em destaque no início da pergunta.

Como marcador específico, mas não único de sinalização da atitude do falante em face do que vai dizer, retomemos o marcador **eu acho que** nos enunciados:

eu acho que me realizaria mais... como orientadora do que como professora

(linha 1240-1)

mas **eu acho que** um:: trabalho assim... (1,5 seg) DE gabinete... eu gostaria mais sabe?

(linha 1245-6)

Nesses casos, L1 projeta-se no discurso e marca sua opinião, mas não de modo categórico e definitivo. Outro marcador semelhante que se verifica no texto ocorre à linha 1225: “**eu tenho impressão de que**”.

Retomemos os elementos não lexicalizados do tipo **ah, ahn, ahn ahn**. Deve-se levar em conta que há uns produzidos pelo falante (normalmente de formação simples, como **ah**) e outros, produzidos pelo ouvinte (normalmente compostos, como **ahn ahn**). Os marcadores do falante são freqüentemente preenchedores de pausas indicativas de hesitação ou momentos de planejamento textual. Os marcadores do ouvinte sinalizam a atenção, interesse, assentimento, e/ou apoio do ouvinte ao falante, valendo como “estou entendendo; prossiga”. São de grande ocorrência e recorrência e são conhecidos, de modo geral, como marcadores de monitoramento do ouvinte. Ao lado desses, há outros de ocorrência excepcional que, sinalizando também um ato conversacional cooperativo, correspondem ainda a uma expressão de concordância do ouvinte em relação ao que o falante disse, contendo, portanto, também um conteúdo referencial. O texto sob análise registra muitas ocorrências do primeiro tipo (linhas 1172, 1177, 1178 etc.), mas nenhuma, claramente, do segundo caso. A ocorrência **sei** (linha 1206) não nos garante tratar-se completamente de uma concordância cognitiva em relação ao dito pelo falante. A título de ilustração, observe-se a seguinte ocorrência, registrada no Inq. 343:

L2 você acredita nisso? em termos de possibilidade?
L1 eu acredito.

(linha 1676-8)

onde **eu acredito** corresponde a uma resposta dentro da orientação temática e argumentativa da pergunta.

Há quem pense que o emprego do mesmo sinal do ouvinte, como **ahn, ahn**, em quatro ou cinco espaços consecutivos significa “desinteresse”. Tal afirmação, porém, nos parece muito relativa. Dependerá muito do tipo de entonação que acompanha a produção desses elementos. Naturalmente poderá significar enfado, se se tratar de uma entonação

como a que costuma acompanhar a produção de baixos murmúrios. Não parece ser o caso, todavia, dos presentes marcadores: L2 revela-se sempre muito interessada.

Quanto aos marcadores do falante, o texto registra uma ocorrência de **ahn::...** (linha 1189); duas de **ah** (linha 1201); uma de **ah::** (linha 1194); uma de **ah ah::** (linha 1207), uma de **ah ahn...** (linha 1223) e uma de **eh eh** (linha 1231).

Essas ocorrências sinalizam momentos maiores ou menores de hesitação, revelando vários aspectos relacionados às condições de produção e transmissão do texto falado. Pode-se denominá-los, portanto, de marcadores de hesitação. Deve ficar claro, porém, desde já que não são apenas esses elementos que marcam a hesitação do falante na conversação. O texto analisado apresenta muitos outros marcadores, que, sozinhos ou em coocorrência, revelam momentos de hesitação sinalizando normalmente a intenção do falante em manter o turno, enquanto planeja a seqüência. Por se tratar de fenômeno típico e muito freqüente no texto conversacional, ressaltamos no texto sob análise, entre outros, os seguintes marcadores de hesitação:

a) alongamentos, combinados ou não com pausas: **anos::** (linha 1163), **a::** (linha 1165), **então::...ele::...** (linha 1173), **e::** (linha 1182), **ahn::...** (linha 1199), **opção::** (linha 1200), **pela::** (linha 1169). Neste último caso, o alongamento parece significar também pedido de socorro. Com efeito, a interlocutora (L2) vem em auxílio da parceira, dizendo em sobreposição de voz (linha 1170) a mesma palavra proferida por ela:

L1	(...) ele precisava optar pela::
L2	dedicação
	[
L1	dedicação exclusiva

b) pausas longas: **e::...** (2 seg) (linha 1166), **então eu...** (2 seg) **sai do::...** (2 seg) (linha 1207), **então eu...** (2 seg) (linha 1220) etc.;

c) pausas preenchidas por elementos lexicais, como **assim**, já comentados: linhas 1199, 1226, 9, 31, 33;

d) repetições, principalmente de palavras gramaticais (preposições, artigos etc): **"a a minha profissão"** (linha 1202), **"eu::... eu me preparei"** (linha 1196);

e) cortes de palavras ou de entonação, interrupções sintáticas ou semântico-sintáticas: **"a: a profi/ o a advocacia do Estado"** (linhas 1165-6), **"e eu não/ eu sou leiga"** (linha 1185) **"saí do::...ah ah:: pedi demissão do meu serviço"** (linha 1207), **"a/"** (linha 1188), **"a professora ela/"** (linha 1241), **"então.../ mas eu acho que (...)"** (linha 1245). Esses exemplos merecem uma análise mais profunda:

"a: a profi/ o a advocacia do Estado" (linha 1165-6)

Observa-se aqui, após o corte na palavra "profissão" e nova hesitação (**o a**), a substituição dessa palavra por "advocacia". Na seqüência toda observam-se, na verdade, quatro marcadores de hesitação: alongamento no "a", repetição desse artigo, corte na palavra "profissão" e alternância dos artigos **o a**. Tudo, possivelmente, por causa da escolha do termo "profissão", "advocacia" ou ainda alguma palavra do gênero masculino.

"e eu não/ eu sou leiga eu não entendo" (linha 1185)

Aqui, o corte no contorno entonacional do **não** foi para possibilitar a introdução antecipada da justificação "eu sou leiga", após o que a locutora retoma desde o início o enunciado suspenso na palavra **não**/, dizendo: "eu não entendo...".

"saí do::... ah ah:: pedi demissão do meu serviço" (linha 1207)

Trata-se aqui de uma interrupção sintático-semântica. L1 abandona, após **do::...** **ah ah::**, o enunciado iniciado, optando por outra estrutura sintático-semântica, substituindo o verbo e respectiva regência **sair de por pedir**.

Finalmente, vale destacar que os momentos de hesitação decorrem de várias causas: falta/falha de planejamento verbal e/ou semântico-

co prévio; desconhecimento do assunto, de vocabulário ou de certas estruturas lingüísticas; falhas de memória etc.

Outro tipo de marcador bastante freqüente no pequeno texto refere-se aos marcadores de teste/busca de apoio para a progressão conversacional ou “busca de aprovação discursiva”. Trata-se também de marcadores do falante, razão por que todos que serão relacionados foram produzidos por L1, que é quem basicamente exerce esse papel no texto sob análise. Apresentam três formas básicas e uma variante: **sabe?** (8 vezes: linhas 1173, 1183, 1197, 1205, 10, 13, 38, 45), **certo?** (1 vez: linha 1180), **não é?** (3 vezes: linhas 1187, 1235, 44) e uma sua variante: **né?** (linha 1166) num total de 13 marcadores.

A primeira observação que cabe fazer é que se trata de uma espécie de pergunta retórica, que abre expectativa de “resposta”, mas apenas no nível pragmático e dificilmente com implicações semânticas.

Esses marcadores posicionam-se normalmente no final de unidades entonacionais,⁶ podendo ocorrer também como marca de passagem consentida ou forçada do turno.

Analisemos o trecho seguinte:

- | | | |
|------|----|--|
| 1207 | L1 | então eu...(2 seg)saí do:... (2 seg)ah ah:: pedi demissão do meu serviço mas consciente de que aquilo era o melhor...para aquela família que se iniciava |
| | | [|
| 1210 | L2 | ahn ahn |
| | L1 | sabe?... e:: |
| | L2 | e realmente você conclui agora |
| | L1 | () |
| | L2 | que foi melhor? |
| 1215 | L1 | que foi melhor (...) |

(linha 1207-15)

A ocorrência da linha 1211 exemplifica uma passagem “forçada”. L1 terminara de produzir a unidade entonacional “consciente de

⁶ Por “unidade entonacional” entendemos a expressão lingüística de uma informação ou idéia, atualizada e reconhecida num dado momento por meio de uma entonação específica.

que aquilo era melhor para aquela família que se iniciava sabe?” (linhas 1212-4). Quando pretendia continuar seu turno (e:: linha 1211), L2 interrompeu-a com uma pergunta-comentário: “e realmente você conclui agora que foi melhor?” (linhas 1212-4), obrigando L1 a desistir da direção que imprimia à sua fala e a responder, concordando: “que foi melhor” (linha 1215), (com entonação descendente).

A ocorrência da linha 1235 exemplifica um encerramento de turno com passagem “consentida” da vez.

Freqüentemente, esses testadores de apoio ou atenção do interlocutor vêm precedidos e/ou seguidos de pausa (8 dos 13 casos) e, também com freqüência, precedidos, seguidos ou sobrepostos sintomaticamente do respectivo marcador de apoio ou atenção (5 dos 13). Sirva de exemplo a seqüência abaixo:

- | | |
|----|--|
| L1 | (.) eu me preparei para ser... mãe de muitos filhos... sabe? |
| L2 | ahn ahn |

(linha 1191-8)

A pausa precedente ao testador **sabe?** parece evidenciar a expectativa do falante quanto à manifestação de apoio ou atenção do seu interlocutor.

Por outro lado, a posição desses marcadores de busca de apoio no final de uma proposição reveste-lhes de uma intenção argumentativa, na medida em que frisam a proposição que finalizam. Nesse sentido, são designados “marcadores que buscam aprovação discursiva no contexto de argumentação e interação”. Essas observações e a expressão “busca de aprovação discursiva” são devidas a W. Settekorn (1977).

O texto analisado revela alguns poucos elementos de mais difícil caracterização como marcadores conversacionais. Trata-se de palavras que a gramática tradicional classifica como conectivos que ligam palavras ou orações, mas que aqui assumem funções de conectores pragmáticos (STUBBS, 1987: 87), ligando eventualmente unidades lingüísticas,

mas como atividades de fala. A posição privilegiada é virem no início de turnos ou unidades entonacionais. Vamos nos restringir a dois elementos classificados na gramática tradicional como conjunções coordenativas: **e**, **mas**, que também mereceram atenção no capítulo 8 deste livro.

Lembremos, inicialmente, com Garcia (1980) que:

Um dos corolários do conceito de coordenação é o de que os termos coordenados devem pertencer ao mesmo universo do discurso, ou em outras palavras: à homogeneidade formal exigida pela gramática deve corresponder uma homogeneidade de sentido exigida pela lógica. (p. 37)

O **e** é empregado com função pragmática exclusiva ou coocorrente com outra função, entre outros casos, nas linhas 1164, 6, 74, 82, 92, 1210. Analisemos alguns deles:

- a) (...) ele teve escritório no início da carreira(...) depois... ainda com escritório... e como ele tinha liberdade de advogar ele também... exercia a: a profi/ o a advocacia do Estado né?

(linha 1162-5)

Neste caso, feita uma análise sintática tradicional, verifica-se que a esperada coordenação gramatical sugerida pelo **e** (a adição) não ocorre, uma vez que ao **e** se segue uma estrutura não paralela (não coordenada), sintaticamente falando. Os casos seguintes são semelhantes, mas ressalta nos **ee** a função de marcador de continuação narrativa:

- b) L2 ()

L1 e::: e deu-se muito bem no magistério

(linha 1182)

- c) L1 (...) fica feliz da vida... em poder transmitir

... o que ele sabe... e os processos também(...) são muito bem estudados...

(linha 1183)

No item b) é típica a função de continuador narrativo, caracterizando ainda a ligação não de unidades lingüísticas, mas de atos lingüísticos; função que revela também na linha 1212: “**e** realmente você conclui agora que foi melhor”.

Quanto ao **mas**, além de “pedi demissão do meu serviço **mas** consciente de que aquilo era o melhor” (linhas 1207-8), onde **mas** liga estruturas não paralelas, sintática e semanticamente falando, sem qualquer sentido aparente de oposição e contraste, no nível da estrutura superficial, podemos analisar a seguinte ocorrência:

- 1239 (...) eu acho que me realizaria mais... como orientadora do que como professora quer dizer a professora ela... no fundo ela é uma orientadora... porque: quase sempre ela é procurada pelos alunos...(1,5) quando surgem os problemas não é então/...**mas** eu acho que um:: trabalho assim...(1,5)

- 1245 DE gabinete... eu gostaria mais sabe?”

(linha 1239-45)

Em “então/...” (linha 1244) L1 esboça uma estrutura, interrompendo-a, porém, sintática e semanticamente. Ao reiniciar a fala com **mas**, sugere um contraste semântico com aquilo que teria intenção de dizer no enunciado apenas esboçado pelo **então**. Na verdade, o contraste sugerido talvez esteja menos na base de uma relação semântica do que na base de uma lógica argumentativa mal esboçada. De qualquer forma, fica claro que a simples conexão gramatical adversativa não ocorre, prevalecendo a função pragmática, embora há que se reconhecer no **mas** o elemento coesivo que continua sendo. Nessas condições, são válidas explicações como:

[...] o **mas** não é uma negação do dito e sim uma proposta de reordenação num outro ponto de vista [...]

(MARCUSCHI, 1989: 299)

É esse freio à continuação do pensar, ou do falar que o **mas** marcador conversacional parece indicar quando irrompe na conversação.

(MORAES, 1987: 113)

Por essa pequena análise, percebe-se a gama de funções específicas que os marcadores conversacionais podem desempenhar. No bojo dos diversos artigos deste livro várias outras funções são referidas. Algumas mencionadas por nós receberam denominações paralelas.

5. Comentários conclusivos

Os marcadores conversacionais são elementos lingüísticos que estruturam o texto, considerado não só como uma construção verbal cognitiva, mas também como uma organização interacional interpessoal. Ou seja, são recursos que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores ou destes em relação ao discurso.

Como recursos verbais, esses elementos são normalmente vazios ou esvaziados de sentido e não colaboram para o referencial tópico do texto, podendo, porém, às vezes, modalizá-lo.

Ocorrem com frequência como estruturas sintaticamente independentes e entonacionalmente autônomas. Os marcadores de monitoramento produzidos pelo ouvinte normalmente equivalem a turnos.

Os marcadores posicionam-se, de modo geral, antes ou depois das unidades conversacionais. Quando a unidade é maior do que a unidade entonacional, como o turno ou o tópico, podem também posicionar-se no seu interior.

O aspecto relevante dos marcadores é o das funções que desempenham. Pode-se dizer que desempenham funções mais genéricas e funções mais específicas, sendo bem genérica a função articuladora ou estruturadora. São específicas as funções de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenua-

ção ou de reformulação por parte do falante, ou ainda, de sua intenção de asserir ou perguntar.

Perguntas freqüentemente introduzem tópicos ou mudanças de tópicos. Há marcadores que normalmente encerram unidades, enquanto outros normalmente as introduzem: marcadores de busca de apoio geralmente encerram; marcadores de continuação, de mudança de tópico (ou subtópico) iniciam unidades; marcadores de hesitação são regularmente localizados no interior das unidades, inclusive das unidades entonacionais mínimas.

O presente estudo não é – nem poderia ser – exaustivo, de vez que os marcadores conversacionais são organizadores de grande complexidade e freqüência em qualquer texto falado. Além do mais, permeiam praticamente todos os demais temas. No entanto, apenas para ilustrar uma possível conclusão, podemos dizer que os marcadores que mais se destacam pela freqüência, recorrência e função no pequeno texto analisado são:

- 1) marcadores de hesitação: **ah** (3), **ah ah**, **ah ahn**, **eh eh**, num total de 7; alongamentos de vogais: quase 30; pausas longas: cerca de 15;
- 2) marcadores de teste de participação ou busca de apoio: **sabe?** (8), **né?** / **não é?** (4), **certo?** (1);
- 3) marcadores de atenuação da atitude do falante: **eu acho que** (2), **tenho impressão de que** (1);
- 4) marcadores de apoio/monitoramento do ouvinte: **ahn ahn** (6), **uhn uhn** (1), **sei** (1).

Se atentarmos para a natureza desses marcadores, observaremos que os de números 1, 2 e 3 são de produção natural do papel de falante e foram usados por L1, enquanto os de número 4, do ouvinte, foram

utilizados por L2. Tal distribuição explica plenamente a atuação de L1 como falante e de L2 como ouvinte, conforme também fica justificado pelo volume de produção de L1 (cerca de 85%) e de L2 (cerca de 11%), além dos 4% da *Doc*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Edit. da Unicamp, 1989.
- CASTILHO, A. T. e PRETI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987, v. II – Diálogos entre dois informantes.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1980.
- ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- KOCH, I. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Edit. da Unicamp, 1989.
- MORAES, L. C. D. *Nexos de coordenação na fala culta de São Paulo*. 1987. Tese (Doutorado) – São Paulo: FFLCH/USP.
- SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: FGV, Inst. *Doc.*, 1971.
- SETTEKORN, W. Pragmatique et Rhétorique Discursive. *Journal of Pragmatics 1*, North-Holland Publishing Company, 1971.
- STUBBS, M. *Discourse Analysis: the Sociolinguistics Analysis of Natural Language*. Oxford: Brasil Blackwel, 1983.
- TAGNIN, S. O. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

5. PROCEDIMENTOS DE REFORMULAÇÃO: A PARÁFRASE

José Gaston Hilgert

1. Introdução

Tendo em conta o fato de que, na fala, interlocutores em interação constroem cooperativamente um texto, volta-se este estudo, em termos abrangentes, aos procedimentos de construção do texto falado. Dentre estes, focalizamos, aqui, especificamente, o parafraseamento enquanto atividade lingüística de reformulação.

Metodologicamente desenvolvemos este trabalho, conduzidos pela análise de um segmento conversacional de 6 minutos de duração que consta no arquivo sonoro – inquérito 62, bobina 20 – do PROJETO NURC/USP – SP e está transcrito em CASTILHO e PRETI, 1987, p. 74-7, linhas 544 a 676.

2. O texto

Do ponto de vista de sua delimitação temática, convém lembrar que o texto a seguir inicia-se já estando em andamento o tópico que trata da invasão do campo de trabalho dos administradores e economistas pelos engenheiros.

L1 mas eles têm atendido e:: ...
 os exemplos
545 L2 tem não ()